

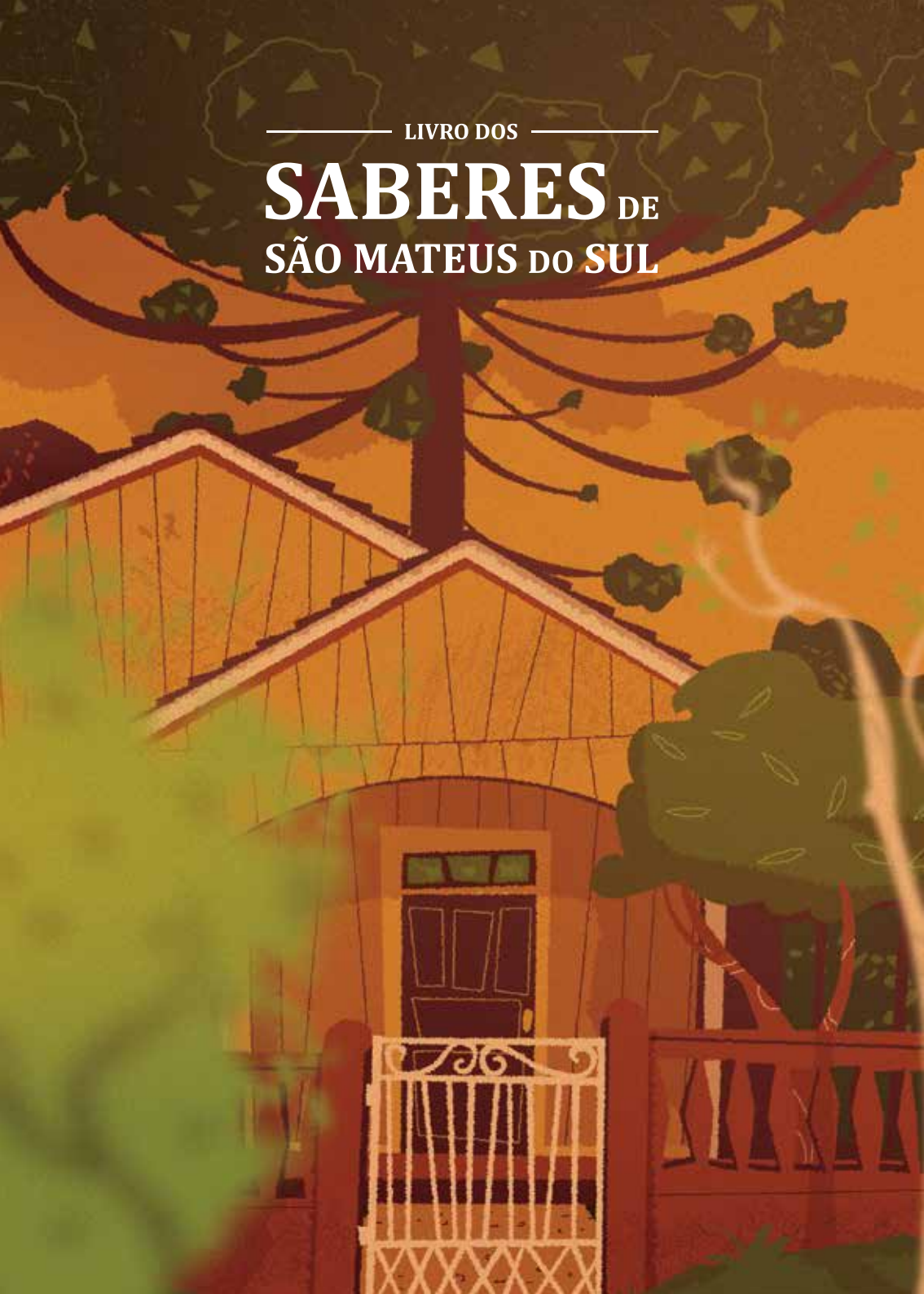
LIVRO DOS

SABERES DE

SÃO MATEUS DO SUL

LIVRO DOS

SABERES DE SÃO MATEUS DO SUL



Realização:

Projeto *Morada dos Saberes*

Instituto Neotropical: Pesquisa e Conservação

Organizadores:

Manuela Dreyer da Silva

Gledson Vigiano Bianconi

Composição de textos:

- *A Morada dos Saberes*: Andrius Felipe Roque

- Saberes das Araucárias: Gledson Vigiano Bianconi, Janael Ricetti e Michel Miretzki

- Escutando os Saberes: Hilda Jocele Digner Dalcomuni e Taiana Tratch Hertzog

- Saberes e Vozes Locais: Manuela Dreyer Silva, Karin Cristina Escobar Yamashiro, Taiana Tratch Hertzog e Leandro Angelo Pereira

Composição pedagógica:

Manuela Dreyer Silva, Karin Cristina Escobar Yamashiro

e Leandro Angelo Pereira

Composição poética e revisão de texto:

Andrius Felipe Roque

Coleta de informações:

Taiana Tratch Hertzog, Hilda Jocele Digner Dalcomuni, Zeli Lugarini

e Manuela Dreyer da Silva

Fotografias para composição de ilustrações:

Carla Daniele Canestraro

Projeto gráfico, ilustração e diagramação:

Wellington Lima - Pixsul

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

LIVRO DOS SABERES DE SÃO MATEUS DO SUL / Manuela Dreyer da Silva (org.);
Gledson Vigiano Bianconi (org.) - Curitiba: INPCON: Instituto Neotropical. 2016.

80 p.; 15 cm x 21 cm.

Prefixo Editorial: 93175

ISBN: 978-85-93175-00-8

1. Educação Ambiental. 2. Contos e Lendas. 3. Floresta com Araucária.

Prefácio

O material que está em suas mãos procurou reunir alguns saberes do município de São Mateus do Sul. São apanhados importantes que retratam características ambientais, sociais e culturais, valorizando a história desse belo município e de seus moradores. A riqueza das informações presentes neste livro nos remete à identidade desse local, identidade esta marcada pela interação das pessoas com o meio em que vivem. Convidamos você, leitor, a viajar por esse vasto mundo de São do Mateus do Sul.

Para auxiliar a leitura, dividimos o material em diferentes partes. No entanto, ele não precisa ser lido de forma linear. Cabe a você, leitor, escolher inicialmente a parte que mais interessa.

A primeira parte apresenta **A MORADA DOS SABERES: mito, sonho e ciência em São Mateus do Sul**. Tal capítulo introdutório traz um texto artístico que ficcionaliza a interação entre pessoas, meio ambiente e os diversos conhecimentos. Após essa mágica narrativa, se iniciam os **SABERES DAS ARAUCÁRIAS**, capítulo que traz um resgate histórico da floresta e de São Mateus do Sul, por meio do relato de sua biodiversidade, e enfoca a importância ambiental e econômica da região. O capítulo segue com uma abordagem sobre a situação atual da Floresta com Araucária.

Conhecendo um pouco mais sobre esse importantíssimo ecossistema, seguimos **ESCUTANDO OS SABERES** contados pelos moradores da região. Para a construção deste capítulo e do capítulo seguinte, estivemos em diferentes localidades conversando com pessoas muito especiais, que nos contaram suas histórias. Gente com muitos sonhos, que resiste mesmo diante das dificuldades da vida no interior. Durante o período das visitas nas comunidades, tivemos o prazer de conhecer figuras extraordinárias que puderam enriquecer o conteúdo dessa obra com memórias que viajam da infância à velhice.

Seguindo pelo nosso caminho de leitura, chegamos aos **SABERES E VOZES LOCAIS**, capítulo que pretende trazer uma visão mítica da realidade, proporcionando aventuras em histórias de superstições e lendas. Aqui, os personagens se misturam aos elementos da natureza e nos remetem às tradições e costumes dessa gente tão simpática e acolhedora. Durante os rela-

tos, pudemos perceber uma vontade nesses atores de perpetuar os saberes e tradições locais de forma escrita, valorizando os ensinamentos dos mais antigos, transmitidos de geração a geração.

Ao longo do livro também foram inseridas algumas sugestões pedagógicas, com a intenção de promover atividades de ensino, em escolas e outros espaços, com elementos da educação regional. Essas inserções, chamadas de **FRUTIFICANDO OS SABERES**, tratam de temas relacionados à história da região, mato, manejo do mate, lendas, superstições, cura natural e outros tantos assuntos abordados ao longo do livro. São ideias para que cada educador ou mediador possa aprimorar e adaptar as sugestões com base em suas próprias experiências, aplicando-as na comunidade e na interação com seus aprendizes. Algumas propostas aqui presentes foram relatadas por professores durante as oficinas de educação ambiental realizadas no projeto *Morada dos Saberes*, patrocinado pela Petrobras e Governo Federal.

Participam na leitura também alguns poemas, contos e trava-línguas, que utilizam as discussões feitas como matéria-prima para a arte e a brincadeira com as palavras.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com o respeito, a tolerância e o conhecimento da diversidade cultural tão presente em nossa sociedade. Mantendo uma cultura viva, somos capazes de construir uma sociedade que valoriza a conexão do ser humano com o ambiente, contribuindo para a sustentabilidade.

Convidamos você a passear conosco pelos rios, matas, memórias, histórias, lendas, causos, costumes e tradições que fazem parte do cotidiano de São Mateus do Sul, esse aconchegante município do interior do Paraná, onde moram infinitos saberes.

Os Organizadores

Agradecimentos

A construção deste livro só foi possível graças à união de muitos saberes, narrados e transcritos por diversas mãos. Agradecemos, sobretudo, a todas as comunidades citadas neste livro, juntamente com as escolas, pela ótima recepção e apoio ao trabalho desenvolvido, em especial aos entrevistados, que nas rodas de chimarrão compartilharam os conhecimentos aqui contidos.

Agradecemos o auxílio de duas importantes pessoas, que, como a equipe do projeto, adotaram esta empreita: Hilda Jocele Digner Dalcomuni e Zeli Lugarini.

Os autores do Projeto *Morada dos Saberes*, por meio do *Instituto Neotropical: Pesquisa e Conservação* e *Instituto Federal do Paraná*, “reconhecem qualquer direito intelectual coletivo dos povos e comunidades que detêm as informações contidas nesta publicação, de que obtivemos o consentimento prévio deles para acessá-los e de que a sua utilização, científica ou comercial, por terceiros, deve ser precedida do consentimento fundamentado de seus detentores e promover a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados de sua utilização”.

Agradecemos também à Petrobras e ao Governo Federal, por patrocinar e apoiar este Projeto.



Um agradecimento especial para:

Secretaria Municipal de Educação e
Cultura de São Mateus do Sul
Casa da Memória Padre Bauer
Escola Municipal Anastácia Kimita
de Paula – Lajeado
Escola Municipal do Campo Sérgio
Graciano Meira – Lajeadozinho
Escola Municipal Professor José
Plácido – Cambará
Escola Municipal do Campo José de
Alencar – Papuã
Escola Municipal Prefeito Olívio
Wolff do Amaral – Vila Palmerinha
Escola Municipal Odemira Cunha –
Vila Amaral
Escola Municipal do Campo
Professora Mirtes Aparecida Wolff
Ross – Mourão
Escola Municipal Professora
Apolônia K. Staniszewski –
Fluviópolis
Escola Municipal Pedro Effco – Vila
Prohmann
Escola Municipal do Campo Santo
Antônio – Pontilhão
Escola Municipal Doutor Paulo
Fortes – Centro
Escola Municipal do Campo
Gustavo Ambrust – Dois Irmãos
Colégio Estadual São Mateus
Angela Tatielli Wenglarek Borges
Aristeu Santos Lima

Arthur Ângelo Bispo de Oliveira
Carlos Eduardo Conte
Delcelis Roderjan Witcoswki
Denise Pacheco da Silva
Dozia P. Wierczorkowski
Edevirges K. Stepiniak
Elizabeth M. Luz
Elmary de Oliveira Tratch
Fernanda P. Maciel
Fabiana Rocha Mendes
Fernando Costa Straube
Florisbela Ferreira Lima
Inez W. Buoscoksi
Isona Madzala Cavalheiro
Irone Faria
Izabel Cristina Cavalheiro
Jociméri Soeli Gordia
Jorge Stepiniak
Josefa Frankowski Brudnicki
Maria Elza Santos
Maria Laura Glinski Ribeiro
Mariza Bernadete Chule
Odete Maciel Ferreira
Onofre Antonio Glinski
Pedro Cavalheiro
Sandra D. Gordia
Selma Santos Bittencourt
Sibeli K. Stepniak
Silviane P. Ramos
Vilma Alves Chula

Sumário



10	Capítulo 1: A MORADA DOS SABERES
15	Capítulo 2: SABERES DAS ARAUCÁRIAS
18	A história da floresta e sua utilização
23	Floresta com Araucária, a mata dos pinhais
27	Valor ecológico e econômico da Floresta com Araucária
32	Ameaças à floresta e cuidados necessários para a sua conservação
35	Falando um pouco de conservação e restauração florestal
37	Capítulo 3: ESCUTANDO OS SABERES
38	Seu Pedro
40	O carroção de erva-mate e as duas irmãs
41	O mate doce no “resguardo”
43	A cruz de cedro
44	Uma árvore chamada cambará
45	O dom do venzimento
47	Capítulo 4: SABERES E VOZES LOCAIS
48	Saberes Caseiros de São Mateus do Sul
51	Saberes e Curas
55	Sinais e saberes do meio
56	Para achar água ao redor da casa
56	Observando os animais
57	Previsão do tempo
57	Simpatias rurais
59	Lendas e Causos na vida de São Mateus do Sul
60	O bugreiro
61	Os causos da Floresta com Araucária
62	A Serra dos Gordia
63	A Lenda da Gralha Azul
64	O Monge João Maria
65	Pinhão para sapecar em uma floresta mais exuberante
66	O Boitatá de São Mateus do Sul
68	O Bugio e a História do Leite
69	Histórias de Arrepiar
72	Galeria de fotos

Capítulo 1: *A MORADA DOS SABERES*

Mito, sonho e ciência em São Mateus do Sul

Andrius Felipe Roque



Na divisa com o azul do céu estão altas araucárias, que com seus longos galhos abraçam umas às outras formando massa densa e amiga, anunciando a região. Outras, espalhadas pela cidade, braços atrofiados por casas e comércios, derrubam espinhosas grimpas em choros de solidão. Visitam-lhes os passarinhos, que pousam em seus galhos para sussurrarem notícias das matas e cantarem pios saudosistas dos tempos de Mata Atlântica. Como rabisco de criança que aprende os primeiros traços, o Iguaçu marca sua divisa, dizendo que daí pra cá estamos em São Mateus do Sul. Ou Samas, para os íntimos.

Ninguém conhece mais a cidade do que o chimarrão. Ele está na igreja, nos bailes, nas praças e, principalmente, nas casas. O sabor forte do mate concentra tradições, amizades e histórias; por isso, pode parecer amargo quando experimentado pela primeira vez. Mas, papo vai e papo vem, e seu aroma nos convence ao prazer de compartilhar a cuia.

É assim na casa de seu Antonio. Rotineiramente, às 16 horas, ou de maneira especial em outro horário, quando recebe um amigo. Da varanda de sua casa, se prepara para sentir o cair do dia, a fronteira entre tarde e noite delimitada pela revoadas de pássaros.

Foi numa dessas tardes que percebeu a camionete chegar à antiga casa da frente e dela desembarcar um grupo. Do lado da boleia, saiu moço alto, de barba por fazer e cabelos esvoaçantes. Acompanhavam-no outro rapaz em pinta de galã, barba grisalha, e uma mulher de cabelo preso e bronzeado de quem vem da praia. Abriram o pequeno portão e subiram pela escada lateral. Olhares especulantes de quem tudo examina, sorrisos cúmplices de interesse. Do outro lado da rua, Seu Antonio coça a barba e cruza as pernas em sinal de curiosidade:

– Hum... que gente! Tão procurando coisa. Que será?

Nos dias seguintes, pôde assistir muitas movimentações. Outras pessoas entravam e saíam da casa, homens, mulheres, crianças, alguns rostos vizinhos inclusive. A maioria não. Subiam caixas, móveis, livros. Certa feita, de estranhamento chegou a queimar os dedos quando completava a cuia com água quente: viu os novos vizinhos descarregarem pedaços de galhos, uns matos e bichos empalhados. Tinha gralha-azul, bugio, cotia, lagarto, tatu e até uma onça mais comprida do que o comum e com cara assustada.

– Mulher! Vem ver! Olha o que tão descendo da camionete...

Dona Suzana se espichava:

– Ouvi dizer que é tudo professor, Toni.

– Professor?! Professor... não sei... Bicho pra quê? Tô vendo tudo.

Levaram a conversa para o jantar. Depois a novela distrairia o assunto, mantendo-o em aberto, suspenso. Caso inconcluso.

Os barulhos de martelado na manhã seguinte chamaram seu Antonio à janela, de onde viu colocarem placa no gramadinho inclinado à frente da casa suspeita. Só poderia ser o anúncio do que se inauguraria ali. Firmou a vista que teimosa se turvava.

– Morada dos Sabores? Ahn? Mulher – gritava – é Morada dos Sabores, vem ver.

– É saberes, Toni, *Morada dos Saberes* – corrigia Dona Suzana, orgulhosa da visão que conservava, sem carecer de óculos, aos 60 anos.

Em seus pensamentos, o velho não se conformava. *Morada dos Saberes*. Que era isso? Bichos, galhos, professores, livros, mesas, morada e saberes. Suas hipóteses não se acertavam, restavam o problema e a inquietude diante da dúvida. Repassava os acontecimentos, avivando sua memória. Tinha desestruturado sua rotina, motivado sua curiosidade e resgatado um ânimo de juventude há tempos adormecido. Era como uma sede.

Ficou assim o dia todo. Nem chimarrão, nem janta, nem novela o distraíam. Foi dormir encucado.

À noite sonhou. Diante da casa do outro lado da rua começaram a aparecer centenas de pessoas, que tomaram cada espaço da rua. A essas pessoas se juntaram os mais diversos bichos, da região e desconhecidos. Araucárias e outras árvores haviam aparecido por toda a calçada, fazendo fresca sombra e servindo de poleiro. Todos se misturavam e conviviam sem estranhamento algum. Algumas crianças brincavam com macacos. Revoadas de pássaros de todas as cores desenhavam no céu ou pintavam o telhado da casa. Era uma multidão em perfeita harmonia.

De repente, tomou lugar no patamar da casa uma deslumbrante mulher.

Ela bradou:

– Sejam bem-vindos à sua morada.

E toda aquele ajuntamento vibrou, cada um à sua maneira. Gritos, pios, urros, coxares, rugidos, estalares e latidos se misturaram em coro uníssono. A dama então desenrolou um precioso pergaminho e iniciou seu discurso:

Certa vez, não se sabe quando, aconteceu um grave acidente num lugar chamado “Templo dos Saberes”. Uma intensa explosão derrubou as estruturas que cobriam e protegiam o rico tesouro do conhecimento humano. Como não havia consenso sobre a origem e maneira como havia sido construído o tal lugar, se decidiu ser impossível a sua reconstrução. A partir de então, os Saberes passaram a viver como itinerantes, dispersos, encontrando pouso nas cabeças pensantes deste nosso mundo. Assim, cada ser humano passou a saber um pouquinho, já que não houve e nunca mais haverá espaço único que hospede todos os Saberes. O mais legal foi que, quando homens, mulheres, idosos, jovens e crianças se encontravam para amar, brincar, festejar, conversar e até mesmo para brigar, os conhecimentos que os acompanhavam interagiam também e se multiplicavam, de forma que nem mais a gente toda do planeta Terra foi suficiente para abrigar tanto saber. Houve total descontrole da taxa de natalidade da vida inteligente. A solução encontrada (vale dizer, pelos próprios saberes), então, foi a de passar a se alojar nas coisas do mundo. Livros, computadores, música, obras de arte, fenômenos físicos, químicos, biológicos ou sociais, árvores, animais, coisas pequenas, grandes, visíveis a olho nu ou não, enfim, tudo que existe, asilou um conhecimento. É por isso que, hoje, vire e mexe, a gente descobre algo quando está observando o mundo e a realidade que nos cerca.

Mas... sabe que, lá no fundo, os saberes sentem uma saudade daquele tempo em que viviam juntos num lugar só? Amigáveis que são, gostam de se reencontrar, relembrar suas histórias, apresentar os novos amigos e falar dos que já não estão mais tão presentes.

Alguns humanos perceberam isso e, mesmo sem saber os segredos da construção do antigo Templo, decidiram criar salões que possam ao menos reunir alguns poucos conhecimentos e celebrar esse encontro. Disso surgiu o projeto “Morada dos Saberes”. O Meio Ambiente, a Educação, a Arte e todas suas companheiras, a Tecnologia, a Cultura, a História e a Identidade Regional, todos,

já foram convidados e marcaram presença nos nossos debates, palestras, oficinas, intervenções culturais, exposições e cursos. A casa pode até não ser grande, vejam, mas com certeza tem espaço também para você e para o que você sabe. É até muito provável que o conhecimento que você carrega queira se hospedar por um tempo na nossa Morada. Caso isso aconteça, fica decretado o acordo: quem deixa um saber como hóspede deve levar outro junto consigo. Essa é a regra! Pelo menos até que seja possível reconstruir aquele Templo.

Seu Antonio abriu os olhos lentamente. E sorriu, satisfeito. Quando a manhã chegou, vestiu seu traje de rotina, tomou um bom café, beijou a mulher e se pôs em espera à frente ao portão de sua casa, munido de sua mateira. Quando a outra casa, ou melhor, a *Morada dos Saberes*, teve suas portas e janelas abertas, passou o pente no cabelo e atravessou a rua.

Na sala que introduzia o espaço, foi recebido pela voz rouca da vizinha.

– Bom dia, seja bem-vindo.

– Olá. Sou o vizinho da frente. Vim conhecer o projeto – e erguia a mateira, insinuando.

– Claro! Fique à vontade! Vou esquentar uma água para o mate e já volto.

Capítulo 2: SABERES DAS ARAUCÁRIAS

Gledson Vigiano Bianconi,
Janael Ricetti e Michel Miretzki

O que dizer de uma das mais exuberantes florestas existentes? Palavras sobre a importância de suas plantas, como o pinheiro e o mate? Ou sobre seus animais? Ou ainda sobre a manutenção do clima, água e solos férteis? Muitas são as possibilidades de mostrar as características da Floresta com Araucária. Conheça, aqui, o que o projeto *Morada dos Saberes* resgatou para você.



Quem anda pelos caminhos de São Mateus do Sul está acostumado a sentir o cheiro das flores do campo, ouvir o vento assoviando enquanto atravessa os pinhais ou, ao mesmo tempo, as vozes das saracuras, dos tucanos e dos papagaios, com um fundo melódico cantado pelos sabiás. Quem olha a paisagem são-mateuense está acostumado aos tons exuberantes das frondes das imensas árvores. Está acostumado a sentir o frio do orvalho da manhã e se esquentar na tradição do mate, que tem em sua origem a exploração de ervais que se desenvolvem debaixo dos galhos das araucárias.

Todas essas sensações nos são proporcionadas pela existência de uma floresta incomum e antiga, que dentro de sua história fez surgir formas, cores, cheiros e sabores únicos, inexistentes em qualquer outro lugar do planeta. Somos privilegiados por viver numa região rica em vida, rica em águas e rica em fertilidade.

Riqueza essa, porém, comprometida pelas mudanças feitas pelo ser humano. Ao longo do século XX, fomos capazes de derrubar quase todos os pinhais do Paraná. E, hoje, o que resta? Menos de 1% da Floresta com Araucária! O que podemos fazer a respeito? Por acreditar que conhecer é o primeiro passo para o cuidado e respeito ao ambiente natural, vamos falar um pouco da história por trás dessa mata, de sua natureza domada e de sua importância econômica e ambiental. Falar do fascínio que causa, e que faz brotar, o pior e o melhor do ser humano. Neste capítulo convidamos você, leitor, a refletir sobre isso.



A Floresta com Araucária representa uma parte única do bioma Mata Atlântica, especialmente no sul do país. Nessas bandas, onde os pinheiros despontam majestosos no dossel da floresta, exibindo o seu domínio primitivo à espera do sol, o ser humano fez morada. O que era “terra de ninguém” (difícil dizer que não era de alguém quando muitos, índios Guaranis, Kaingangs e Xetás, já habitavam a região) virou terra de muitos alguéns, virou terra (a)batida. A floresta que resta, esvaziada de bichos, está um tanto calada.

A história aqui contada tem muitos personagens e muitas sensações. Tem tristezas e lamentos, ambições e conquistas, exploração e desenvolvimento. Mas tem também devoção, muito trabalho interessante, contemplação e fascínio.

Começamos com uma descrição bastante antiga sobre a Mata Atlântica. A descrição do famoso naturalista Charles Darwin:

“O dia todo foi um deleite. No entanto, deleite é um termo fraco para expressar os sentimentos de um naturalista que, pela primeira vez, perambula sozinho por uma floresta brasileira”.

“É fácil especificar os objetos de admiração nesses cenários grandiosos, mas não é possível oferecer uma ideia adequada das emoções que sentimos, entre maravilhados, surpresos e com sublime devoção, capazes de elevar a mente”.

Charles Darwin, 1832

A história da floresta e sua utilização



Mas o que é a Mata Atlântica? É o nome dado ao bioma formado por um conjunto de matas e campos que ocorre na planície litorânea e nos planaltos do leste do Brasil, se estendendo do nordeste (estado do Rio Grande do Norte) ao sul (estado do Rio Grande do Sul), entrando cerca de 100 km em sua porção norte e mais de 500 km na sul. Ela já foi a segunda maior e mais importante floresta tropical do Brasil e da América do Sul, com o impressionante tamanho de 1.290.000 km², sendo um dos locais mais ricos em espécies de plantas e animais do planeta, muitas das quais endêmicas, ou seja, só ocorrem na Mata Atlântica.

Essa floresta exibe as marcas deixadas por uma história repleta de ações que tem o ser humano como ator principal. Os primeiros capítulos dessa narrativa são escritos antes mesmo da chegada dos portugueses no Brasil, num tempo em que caçador-coletores e, posteriormente, povos indígenas caminhavam pelas matas virgens explorando, consumindo e alterando aquilo de maior valor na floresta: a sua biodiversidade. O abate de animais para consumo e as práticas agrícolas itinerantes, supostamente acompanhadas por queimadas, são, historicamente, as primeiras alterações nessa grandiosa e exuberante floresta.

Após a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, o caminhar dessa história vem marcado por sucessivos ciclos econômicos. De início, o extrativismo de essências vegetais e madeiras nobres, como o pau-brasil¹. Adiante,

1 - Estima-se que cerca de 2 milhões de árvores (pau-brasil) foram mandadas para a Europa. Sua madeira era usada na construção de móveis e seu extrato era usado na produção de corante vermelho.

a derrubada da floresta para o plantio de cana-de-açúcar e para a exploração de ouro e diamante em seu interior (séculos XVI a XVIII). Na segunda metade do século XIX, foi a vez do café, que se tornaria o principal produto de exportação do Brasil, tendo como principais produtores os estados de São Paulo e Paraná.

Adversidade

*A biodiversidade da Atlântica que é Mata
sofreu ação humana
economia
progresso
exploração*

que mata.

*animais, árvores, rios
que formavam um grande bioma
hoje expiam mioma
da bio de ver cidade.*

Desde então, a continuada devastação da Mata Atlântica imprime cicatrizes aparentes, fruto da crescente retirada de madeira de suas florestas e de práticas de monocultura e pecuária bastante agressivas. Sofre ainda a pressão de um enorme contingente populacional (mais de 120 milhões de pessoas) e os impactos de suas ações. Hoje, mais de 92% da paisagem original é tipicamente representada por cidades, indústrias, pasto e agricultura, que cercam retalhos de mata, em geral pequenos e fragilizados.

Nas páginas dessa história está o território de São Mateus do Sul. Até a metade do século XIX, o município era praticamente todo coberto pela Floresta com Araucária, um dos principais tipos vegetacionais que compõem a Mata Atlântica. Nessas terras já viveram povos indígenas, já caminharam sertanistas, na busca por riquezas, e bandeirantes, para demarcação do território no período colonial. Em sua então verdejante mata, já passaram fileiras ordenadas de tropeiros no transporte de mercadorias para o estado de São Paulo, antecedendo o desenvolvimento que chegaria a vapor, em navegação no rio Iguaçu. Naquele momento, São Mateus do Sul se transformava no mais importante porto e centro comercial da região. Desenvolvido por uma vigorosa colonização europeia, o município abriu assim caminho para o desenvolvimento.

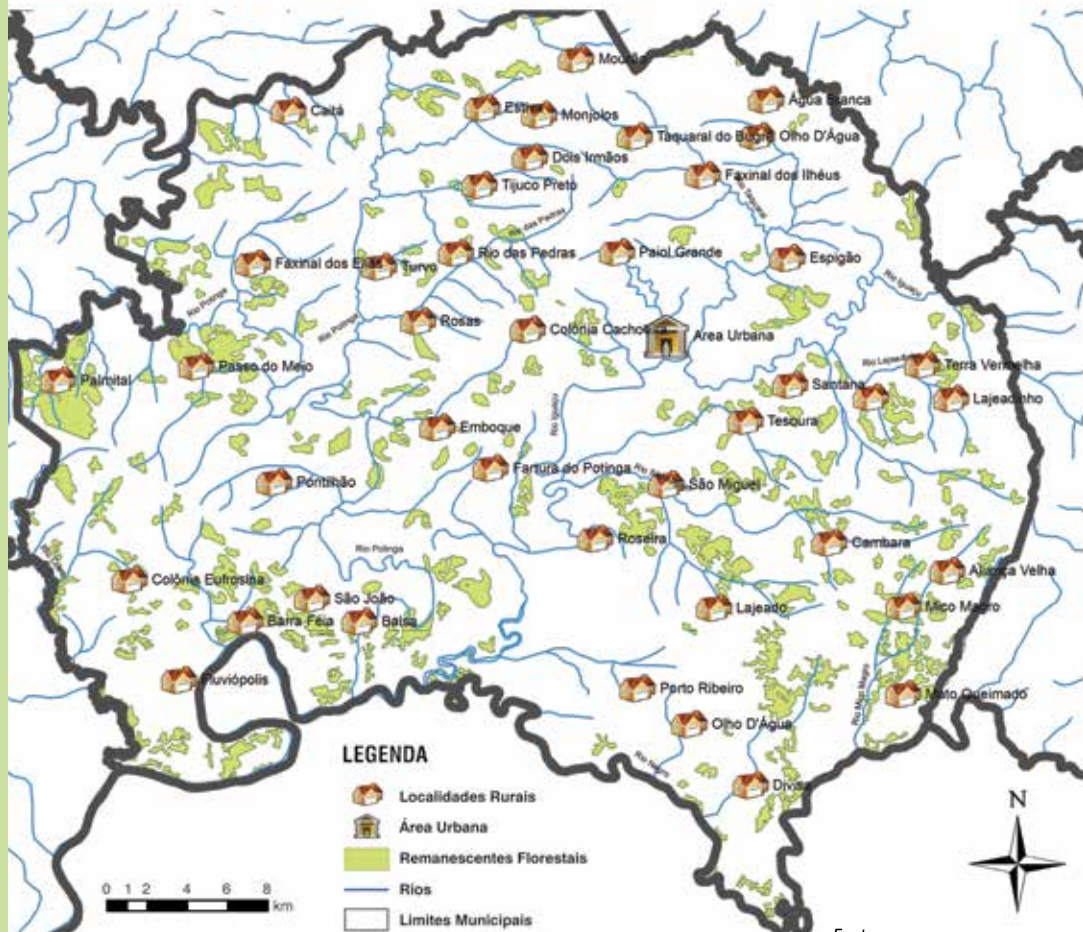
Com a chegada dos imigrantes europeus e o loteamento das terras, também vieram novas formas de uso do solo. A agricultura como feita pelas famílias de colonos estabelecidas em meio à Floresta com Araucária foi a principal base da economia, assim como o uso de recursos naturais, como o mate e a madeira. O corte de árvores e o seu comércio pelas serrarias permitiu o enriquecimento rápido do município e do Paraná. O extrativismo iniciado pelas imbuías, cedros, cambarás e canelas alcançou intensamente nos anos 50 o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), que se tornou um valioso produto de exportação. A partir de 1960, com o fim dos estoques de madeira, as serrarias fecharam ou tiveram que iniciar o trabalho com árvores não brasileiras, como o pinus e o eucalipto.

A maneira como os agricultores de São Mateus do Sul abriram a mata e utilizaram o solo para plantar permitiu a formação de fragmentos de floresta espalhados por todo o município, especialmente nos vales dos rios.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Você já trabalhou o mapa da sua comunidade/bairro? Que tal construí-lo em grupo? Cada participante deve fazer um desenho de sua casa, da vizinhança, dos comércios e de todas as características ambientais que puder notar em seu entorno. Observar, por exemplo, o caminho de sua casa até a escola, de sua casa até a casa de seus tios, avós, amigos. No final, todos devem juntar esse quebra cabeça para visualizarem a comunidade e todos os elementos que fazem parte dela.



Fontes:
 IBGE (2010) - Limite Municipal
 IPARDES (1984) - Hidrografia
 SOS Mata Atlântica (2008) -
 Fragmentos florestais

Mapa de localidades e dos fragmentos da Floresta com Araucária em São Mateus do Sul. O mapa foi construído com base em diferentes fontes, mas sabemos que não representa toda a diversidade do município. Alguns rios não estão na imagem e há localidades ainda não representadas. Nosso convite é que esse mapa possa ser sempre revisitado por quem tiver interesse de melhor detalhar a espacialização de importantes características da região.

Embora esses remanescentes florestais sejam formados por uma vegetação apenas parcialmente semelhante à natural, eles ainda abrigam animais silvestres, e em última instância, conservam uma reserva genética da variedade de sementes de plantas, incluindo árvores como a erva-mate, o pinheiro, a canela, entre muitas outras. Os maiores remanescentes florestais de São Mateus do Sul estão próximos às localidades Palmital e Passo do Meio, a oeste do município. Ainda hoje, juntamente com a existência de grandes árvores, essa região convive com a retirada de lenha para consumo doméstico, de erva-mate e a criação de animais nas matas.

Este uso da floresta representa um modelo agrícola bastante peculiar: o faxinal. Tal sistema de uso do solo e da floresta contribui para manutenção das matas - ainda que de forma parcial e ainda não bem compreendida - e respeita práticas tradicionais e acordadas pelos faxinalenses. Há duas dessas áreas em São Mateus do Sul reconhecidas pelo Instituto Ambiental do Paraná: o Faxinal Saudade Santa Anita e o Faxinal Emboque. Outras comunidades ainda não foram oficialmente reconhecidas, mas têm a mesma importância cultural e ambiental.



SOBRE OS FAXINAIS

O Faxinal é definido no Decreto nº 3446 de 14/08/1997 como um sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná. Tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental, integrando: a produção animal coletiva; a produção agrícola, de subsistência para consumo e comercialização; e o extrativismo florestal de baixo impacto, como o por meio do manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas.

Floresta com Araucária, a mata dos pinhais



Araucaria angustifolia

A angústia do pinhão

na folia das cotias.

A Mata Atlântica é formada por vários tipos de florestas e, como vimos acima, entre elas há a Floresta com Araucária ou 'mata dos pinhais' – também chamada pelos estudiosos de Floresta Ombrófila Mista. A Floresta com Araucária abrange as áreas onde naturalmente crescem os pinheiros (*Araucaria angustifolia*), acima de 500 metros do nível do mar. O clima dessas matas é tipicamente frio e úmido, favorecendo o crescimento dos pinheiros-do-paraná e de outras espécies de árvores importantes, como a imbuia e a erva-mate.



Trava-línguas

Flora conífera e folhosa floream mista floresta ombrófila

A presença dos pinheiros confere ao Paraná algo que nunca passa despercebido. Este fenômeno já havia sido detectado pelos naturalistas viajantes do século XIX, como o francês Auguste de Saint-Hilaire e o inglês Thomas P. Bigg-Wither, que atravessaram o estado, exaltando cenas e paisagens que os impressionaram:

“Uma mata sombria, formada quase que inteiramente de Araucária, se eleva sobre a margem esquerda do rio, e a pouca distância das casas tinha sido feita uma plantação de milho. Deixaram algumas araucárias no meio dessa, que se exibiam isoladamente em toda a sua majestade e cujo os tons sombrios contrastavam com o verde alegre do milharal. Essa paisagem, tão pitoresca, tinha, entretanto, um ar um pouco austero, que se deveria principalmente ao porte das Araucárias e à cor sombria de sua folhagem” (Saint-Hilaire, 1820).

“Esses pinheiros atingem até 130 e 140 pés [n.t.: 39-42 m], tendo seu tronco ereto e desganhado até poucos metros de sua copa, onde uma grande quantidade de ramos longos parte horizontalmente do tronco, com a forma de um guarda-chuva de cerca de 60 pés [n.t.: 18 m] de diâmetro, o qual é pouso favorito, especialmente no período das frutas, de inúmeros bandos de papagaios, gralhas brasileiras e macacos” (Bigg-Wither, 1870).

Típica paisagem
da Floresta com
Araucária. Foto:
Janael Ricetti



As características únicas dessa floresta também chamaram a atenção do nosso imperador Dom Pedro II durante sua visita ao Paraná, em 1880. Assim ele destaca em seu diário:

“Vinte e um de maio – Almoço as 7. Partida as 8. Araucária, erva-mate. Colhi ramos. Capurri com boa ponte. Campinho. Volta grande com belos capões e grande abundância de araucárias cujos os ramos enfileirando-se em planos diferentes, sobretudo por causa da inclinação do terreno, formam degraus de imensa escada” (Dom Pedro II, 1880).

A araucária, também chamada de pinheiro-do-paraná e pinheiro-brasileiro, é uma espécie que existe há mais de 200 milhões de anos. Pode viver até 700 anos, atingir 50 metros de altura e ter 2,5 metros de diâmetro. Sua presença nas paisagens do sul do Brasil é marcante, mas a floresta é constituída por um conjunto de centenas de espécies além do pinheiro. As pesquisas sobre essa vegetação estão lentamente deixando de ser raras, mas ainda estão no início, e já apontam que ela é composta por mais de 350 espécies de árvores. Os animais que ali habitam também impressionam por seus números: são mais de 120 espécies de anfíbios, 80 de répteis, cerca de 400 de aves e 120 de mamíferos.



Vista, de baixo para cima, de um pinheiro-do-paraná.
Foto: Carla Canestraro.



Macaco bugio com filhote. Foto: Fabiana Rocha-Mendes



Corujinha do mato.
Foto: Arthur Bispo

Cotia comendo
pinhão. Foto:
Ana Carolina
Franken



Lagarto papa vento.
Foto: Arthur Bispo



Cachorro do mato. Foto: Fabiana Rocha-Mendes

Valor ecológico e econômico da Floresta com Araucária



Para muitos, as palavras “mato”, “floresta” e “selva” estão associadas à ideia de perigo, medo e pobreza, enquanto a terra desmatada, arada, semeada é erroneamente vista como a chegada de progresso. Esses pensamentos, infelizmente, persistem no Brasil. Se a isto adicionarmos a falta de conhecimento sobre a geografia, história e ecologia da nossa terra, entendemos o porquê desta percepção equivocada sobre a natureza que nos cerca.

No ambiente natural, incluindo as florestas tropicais, as consequências da perda de vegetação são grandes e comprometem tanto a biodiversidade como a sociedade humana. Problemas relevantes devem ser considerados no contexto, como o empobrecimento do solo, a diminuição na qualidade e disponibilidade de água, ou mesmo a ocupação de áreas impróprias para agricultura e pecuária e/ou protegidas por lei.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Promova um debate sobre as leis ambientais. Quais são evidentes em sua comunidade e qual a importância dessas leis? Quais são as soluções para os possíveis conflitos existentes? Debata como são criadas as leis e como os cidadãos podem influenciar nesse processo. Simule uma assembleia e promova discussões que façam com que as pessoas desenvolvam autoconfiança e vontade de participar ativamente na sociedade.

No momento atual é preciso entender de que forma estamos ligados às florestas, seja pela necessidade dos seus serviços ou por admiração, para que possamos melhorar nosso estilo de vida sem que seja necessário esgotar os recursos florestais. Isso porque, após séculos de exploração da terra de maneira errada, chegamos a um momento em que o que parecia infinito se tornou escasso.

Calcular o valor de uma floresta é uma tarefa complexa, porém, muito importante para que a sociedade dê atenção à sua importância. Inúmeros valores podem ser atribuídos, dependendo não só do preço de produtos no mercado de exportações, mas também de como as pessoas podem entender e identificar diferentes formas de adequação da economia à manutenção das florestas.

Nesse aspecto, se destacam alguns dos materiais e serviços florestais que sustentam nossa economia e nossas cidades, por exemplo, prover matérias-primas como madeira, combustíveis e fibras; prover alimento, por meio de pesca, caça, coleta de frutos, folhas e sementes; ser a base para produtos farmacêuticos e para produção de remédios; controlar a erosão do solo, enchentes, sedimentação e poluição; armazenar água em bacias hidrográficas, reservatórios e aquíferos; controlar o clima, amenizando o efeito de tempestades, enchentes e secas; servir como filtro de poluentes da água e do ar; manter o solo fértil; fazer o controle biológico, diminuindo a proliferação de pragas agrícolas; permitir a recreação, o ecoturismo e lazer; reter valores culturais, servindo de inspiração estética, na engenharia, arquitetura, arte e ciência.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Pesquise quais são os rios próximos à sua comunidade e no seu município. Promova trabalhos sobre a importância dos rios e da mata ciliar, aproveite o assunto para abordar questões sobre o ciclo da água e sua composição. Você também pode fazer experiências para trabalhar questões de medidas, frações, etc.

Adaptar atividades de acordo com os conteúdos que devem ser trabalhados em um programa de estudos (currículo escolar, projeto pedagógico etc.) é uma maneira de inserir as questões ambientais de forma prazerosa e conec-

tá-las com a realidade das pessoas. Discuta na escola e em outros espaços, por exemplo, a importância dos rios e quais os ecossistemas presentes nas proximidades. Peça para que os participantes descubram qual o papel das plantas e animais presentes nos diferentes ambientes. Você pode trabalhar com questões como a fotossíntese, produção de CO_2 e de O_2 .

Questões complementares sobre a questão hídrica: Como as pessoas tinham acesso à água antigamente? Como faziam para ter suas rotinas diárias, tomar banho, cozinhar, lavar roupa, entre outros? Incentive o trabalho por meio de comparações com os hábitos atuais.

Pergunte aos participantes se eles já pararam para pensar como chega a água em suas casas. Proponha que façam o caminho inverso para descobrir de onde ela vem e descubram para onde ela vai ao cair no ralo.

Converse sobre quais são as principais substâncias que contaminam as águas e de que forma nossas ações diárias contribuem para essa contaminação. Faça pequenos experimentos a fim de trabalhar a dificuldade do ambiente em absorver algumas substâncias, como o óleo (misture óleo e água em um pequeno pote transparente, por exemplo).

Como já citado anteriormente, o crescimento econômico de várias cidades paranaenses, incluindo São Mateus do Sul, se deve ao uso da floresta. A venda da madeira, a coleta da erva-mate e o plantio de lavouras em sua terra fértil são apenas alguns dos exemplos de como a floresta, desde o início do século XX até hoje, proporciona riqueza e desenvolvimento para a região. Mas poderíamos ser muito mais prósperos se tivéssemos utilizado esse ecossistema com maior cuidado.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Uma das formas de sensibilizarmos a comunidade sobre alterações no meio, como as mudanças climáticas, pode ser por meio da percepção ambiental, isto é, reconhecimentos ou diagnósticos sobre o ambiente que os cerca. Em outras palavras: como podemos falar sobre mudanças na temperatura ao longo do dia, se muitas pessoas passam grande parte do tempo com o ar condicionado ligado em sala?

Uma proposta é esta: possibilitar que pessoas percebam o ambiente que os cerca por meio de sentidos que geralmente não prestamos muita atenção,

como o cheiro, som e tato. Para isso, leve um grupo de interessados para uma caminhada. A ideia é que, com base nessa experiência, eles façam um mapa com informações de interesse, como por exemplo:

- 1- Quais ambientes são mais quentes e quais são mais frios?
- 2- É possível ouvir barulho de sapos, grilos, pássaros ou outros animais? Onde esses barulhos são mais fortes ou frequentes?
- 3- Alguma flor tem um cheiro forte ou marcante? Onde está?
- 4- No percurso, há árvores frutíferas? Quais e onde estão?
- 5- Existem ambientes mais claros e escuros?



Quanto vale?



Passado mais de um século de história de extração, caça, desmatamento e fragmentação, se sentindo intensa e erroneamente explorada, a Floresta com Araucária – representação sindical das araucárias, imbuías, ervas mates, cotias, bugios, gralhas-azuis, onças – resolveu contratar um bom marketeiro, que pudesse representá-la nas novas negociações.

Quando então vieram os interessados, se depararam com uma figura em bom terno e ágil retórica.

- Ótima escolha, meus caros. Esta é uma excelente área. Além de possuir árvores frondosas, que podem viver até 700 anos e alcançar até 50 metros de altura, conta com mais de 720 espécies de fauna, incluindo anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

- Esses detalhes não importam. Vamos derrubar a mata e construir estrada. É pra pagar barato.

- O metro quadrado valorizou, senhores. E estamos falando de alto luxo e conforto. Vejam, os benefícios são muitos: matéria-prima; alimentos; base para produtos farmacêuticos, controle da erosão, das enchentes e da poluição; armazenamento de água; manutenção de solo fértil; controle biológico; garantia de recreação, turismo e inspiração estética.

- Temos o costume de pagar pela madeira e pelo chão só, o pacote básico. Isso tudo que você falou não temos como bancar.

- Sem contar a raridade desse ambiente. Nos dias de hoje há pouquíssimas matas. E o pacote é fechado, todos os itens são inclusos.

- E o desconto?

- Infelizmente, não. A promoção foi só até o século passado. A instabilidade do mercado climático e a baixa oferta encareceram o produto.

Chateados, os empresários deixaram o vendedor, reclamando que Floresta com araucária era para gente muito rica, coisa só para vitrine.



Ameaças à floresta e cuidados necessários para a sua conservação

Considerando as florestas contínuas e as florestas das regiões dos campos naturais paranaenses, quase 60% do território do estado eram cobertos pela Floresta com Araucária (11.589.138 hectares). A ocupação dos planaltos paranaenses e consequentemente a devastação da floresta se iniciaram no final do século XIX. Depois da crise do ciclo da erva-mate, por volta da década de 1930, a madeira do pinho manteve a sustentação da economia do estado, declinando após o fim da Segunda Guerra Mundial. A partir daí, houve o fortalecimento no plantio do café, sendo que nas próximas décadas, com o fim do ciclo cafeeiro, houve a adoção da cultura de soja, fazendo com que as áreas florestais restantes dessem lugar às lavouras, pastos e plantios de pinus.

A Floresta com Araucária é um dos ecossistemas brasileiros com maior índice de degradação, com sua extinção justificada pelo desenvolvimento agrícola, pecuário, urbano e de extração de recursos naturais. Até para os pesquisadores foi chocante descobrir, por meio de estudos realizados há pouco mais de 15 anos, que o que sobrou dessa floresta no Paraná não ultrapassa 1% de sua área original (66.109 hectares). Pior: a qualidade da maioria das matas restantes é lamentável. Muitas delas já não são suficientes para manter animais de médio e grande porte e sequer representam uma ínfima parte das árvores e arbustos esperados para uma floresta madura.

Hoje, muitos bichos são obrigados a sobreviver nos fragmentos florestais, onde sofrem com a falta de alimentos e são mortos por caçadores com maior facilidade. Espécies como a onça pintada, o gato do mato, o macaco

bugio, a anta, a lontra, a paca, o porco queixada, a harpia, a jacutinga, o papagaio-do-peito-roxo, entre outros, não existem mais ou estão desaparecendo da mata. O cenário pode ser ainda pior. Estudiosos já sabem que a simples exploração de plantas ornamentais e o corte, ainda que seletivo de madeiras, podem transformar ambientes adequados em áreas desfavoráveis aos animais. E como eles ficam diante desse impacto? Bem mal. Animais dependentes da estrutura florestal para sua locomoção, como os macacos, as cuícas e a maioria das aves, acabam morrendo. Sofrem também as espécies que utilizam ocos, cascas de árvores e outras estruturas vegetais (p.ex., bromélias) como abrigo, caso de anfíbios, cobras, aves e muitos mamíferos.

**Fragmento Florestal
ou
Poema-gaiola**

ATAQUE DOS CAÇADORES

T		E
R	onça pintada	M
O	gato do mato	A
P		L
E	bugio	I
L	harpia	M
A	anta	E
M	porco queixada	N
E		T
N	jacutinga	
T		
O		
S	O F R I M E N T O	



FRUTIFICANDO OS SABERES

Em sua atividade de ensino, pergunte aos participantes quais são os animais que eles costumam ver próximo às suas casas ou aqueles existentes na região. Mesmo sendo difícil de visualizá-los, peça para que eles observem, escutem ou pesquisem sobre esses animais e tragam esses registros. Discuta sobre o que eles puderam observar, se conseguiram registrar alguma imagem, som ou história desses animais. Converse sobre a importância da fauna, os hábitos, alimentação e distribuição dessas espécies.

O que dizer então da remoção total da floresta? Além do impacto direto sobre os animais, essa ação pode expor a fauna a outras formas de pressão. Quando isso acontece, os animais que naturalmente necessitam de grandes áreas para sobreviver, como o cachorro do mato, gatos do mato, onça parda, veados, são forçados a buscar novas áreas e podem ficar expostos aos caçadores ou serem atropelados durante seus deslocamentos. Estima-se que quase 500 milhões de animais são atropelados no Brasil todos os anos!

Após a retirada da floresta e o abandono do terreno, naturalmente ocorre o crescimento de uma nova vegetação, chamada de floresta secundária. No início desse processo, a floresta secundária é chamada de estágio inicial ou capoeira. Com o tempo, em geral mais de 30 anos sem ser alterada, a floresta passa para o estágio médio. Assim, as florestas secundárias ainda mais velhas podem chegar ao estágio avançado, abrigando árvores de grande porte e com copas amplas que possam formar um extrato superior, criando um bosque sombreado dentro da floresta. Esse sombreamento é fundamental para algumas espécies de árvores e plantas menores se desenvolverem, o que poderá levar a um estágio chamado de clímax.

Levantamentos realizados com imagens de satélites mostram que a maior parte das florestas do Paraná são secundárias. Esse é o tipo de floresta que ocorre em São Mateus do Sul, e a sua manutenção é a única maneira concreta de assegurar a recuperação dos nossos pinheirais.

Araucária solitária
na paisagem de
monocultura. Foto:
Carla Canestraro





Falando um pouco de conservação e restauração florestal

Embora a “nova floresta” de São Mateus do Sul não possua as mesmas características da floresta original, ela merece ser protegida por seu papel essencial na manutenção da vida silvestre. Se tratando de uma mata que já representou um dos mais importantes e complexos conjuntos de animais e plantas do Paraná, sobram motivos para que os cuidados na sua conservação sejam de fato efetivos.

São questões como essas que incentivam alguns cidadãos são-mateuenses a fazer a diferença. Ainda não existem unidades de conservação para a proteção de áreas naturais em São Mateus do Sul, por isso a iniciativa da população para recuperar e proteger matas, nascentes e rios é muito importante e cada vez mais comum. Já são muitas as notícias em jornais sobre a dedicação de famílias para a recuperação do solo e de áreas verdes em suas propriedades. As discussões nas salas de aula também trouxeram a mobilização para as mãos de jovens e professores das escolas, difundindo a vontade de trabalhar para manter a qualidade ambiental, tão importante para a economia e a vida dos moradores do município.

A responsabilidade ambiental, que era rara e impensável há algumas décadas, hoje já é vista com orgulho e aceitação pela sociedade. Grupos de voluntários têm se organizado para limpar os rios e recuperar nascentes, por meio da iniciativa de clubes e entidades civis, envolvendo dezenas de jovens que regeneram e mantêm nascentes d'água vivas e protegidas.

As datas comemorativas com temas ambientais também se tornaram motivo para realizar eventos ecológicos, como o que ocorre no Dia Mundial do Rio (24 de novembro), data em que se realizam atividades de conscientização para a destinação correta do lixo e para a proteção das espécies de peixes nativas da região, além de um mutirão de limpeza do rio Iguaçu. O Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho) também é motivo para a realização de eventos com cunho ecológico na cidade, replicando cada vez mais a ideia de que qualidade de vida, economia e saúde dependem da qualidade ambiental.

Dessa forma, inúmeros projetos idealizados pela população estão ganhando espaço. As iniciativas populares e o esforço para preservar as águas do município já apresentam enorme êxito e repercussão na mídia, com destaque ao empenhado trabalho de retirada de toneladas de lixo de dentro dos rios Taquaral e Canoas.

Projetos ambientais da gestão municipal também estão em andamento com a implantação do *Plano Diretor de Arborização Urbana*, o que gerou visibilidade nacional para o município. A discussão da cultura da erva-mate e o seu vínculo com a floresta também ganharam grande espaço no município, revelando que a consciência ambiental já vem alcançando as instituições públicas. Isso torna claro que aplicações de recursos em meio ambiente hoje irão gerar economia e ganhos maiores no futuro.



Refletindo sobre os saberes

As iniciativas aqui citadas são apenas algumas das que conhecemos durante a realização do Morada dos Saberes. Agradecemos todos os integrantes dessas ações por compartilharem, por meio de oficinas e debates, seus conhecimentos e experiências.

E você, conhece mais exemplos interessantes para compartilhar?

Capítulo 3: ESCUTANDO OS SABERES

*Hilda Jocele Digner Dalcomuni
e Taiana Hertzog*

*Histórias pessoais baseadas
nos relatos de
Pedro Cavalheiro,
Elmary de Oliveira Tratch,
Odete Maciel Ferreira,
Isone Madzala Cavalheiro,
Florisbela Ferreira Lima,
Aristeu Santos Lima,
Onofre Antonio Glinski,
Maria Laura Glinski Ribeiro
e Josefa Frankowski Brudnicki*

As histórias contadas pelos moradores antigos da região de São Mateus do Sul nos motivam e nos inspiram por meio de seus valores e experiências de vida. Este capítulo apresenta seis histórias de personagens reais que nos contam um pouco sobre a riqueza desse município. Conhecer essas histórias e repassá-las para as novas gerações é uma forma de manter essa cultura sempre viva.



Seu Pedro

Em São Mateus do Sul existe um lugar que, por muito tempo, foi chamado de “São Mateus velho”. Esse lugar fica próximo à praça do Iguaçu, indo em direção à Vila Amaral. Na década de 50, se instalou por ali o açougue do Sr. Manoel, pai de um menino chamado Pedro. Como todos os garotos, Pedro gostava muito de brincar e vivia indo até o antigo porto ver os vapores que chegavam e saíam dali. Isso encantava o menino, que prestava muita atenção nos “marinheiros” que faziam o trabalho de carregar e descarregar o vapor com erva-mate, madeira e várias outras mercadorias. Um pouco mais adiante de onde atracavam os barcos, ainda às margens do rio Iguaçu, na foz do rio Taquaral, existia uma usina que extraía o óleo de xisto. Era a usina do Perna de pau. No alto do morro que ficava ao lado da usina, existiam muitas árvores com cipós grandes que as crianças, inclusive Pedro, usavam para se balançar no ar. A brincadeira era muito arriscada, mas elas desafiavam o perigo sem medo de cair lá de cima.

Foram, com certeza, tempos saudosos. O menino cresceu e se tornou o Sr. Pedro. Foi morar e trabalhar no Lajeado, junto de sua família, onde vive há mais ou menos 46 anos e é aposentado como policial militar. Seu Pedro nos contou muitas coisas sobre o lugar onde vive, as mudanças, as melhorias das estradas, o aumento da população local, as escolas que foram mudando com o passar do tempo, o trabalho local com a erva-mate e muito mais.

Num determinado período de sua vida, lá no Lajeado, Seu Pedro foi professor alfabetizador de adultos, voluntário num antigo programa do governo, chamado MOBRAL. Eram 32 alunos, todos homens. Conta Seu Pedro que existiam algumas dificuldades, como o cansaço dos alunos no final do dia, mas também há o orgulho em ter seu trabalho reconhecido por muitos dos que aprenderam a ler e escrever no programa.

Nosso personagem sempre conta para muitas pessoas sobre certos fatos que aconteciam em dias de aula: em um deles, um dos alunos, que já tinha certa idade, dizia:

- Quando Seu Pedro Poli acende o “miquinho” – lâmpada a gás, chamada de liquinho –, a gente já não enxerga mais nada!

Outro acontecimento narrado foi sobre a hora de soletrar as sílabas das palavras que eram apresentadas ao lado da figura correspondente. O professor pediu ao aluno:

- Soletre as letras, diga as sílabas e forme a palavra que mostra a figura.

O aluno emendava:

- P A faz PA, T O faz TO MARRECO!

A distração do colega levava a turma ao riso e divertia os momentos que passavam juntos.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Estimule os mais jovens a conversarem com os seus pais, tios e avós para saberem quais eram as brincadeiras realizadas antigamente. Promova essa troca de experiências. Juntos, vocês podem replicar algumas brincadeiras de acordo com os espaços que tiverem disponíveis. As brincadeiras estimulam a criatividade, o desenvolvimento cognitivo, o respeito às regras e a interação com as outras crianças.

O carroção de erva-mate e as duas irmãs

Dona Emma, 79 anos, conta que ela e sua irmã mais velha vinham da Estiva até a cidade de São Mateus do Sul para entregar o carregamento de erva-mate nos depósitos da Leão Júnior. Destaca, ainda com orgulho, que viajava em cima dos sacos de erva-mate. Nessa época, dona Emma tinha 9 anos e a irmã, 18. Um dos empregados de seu pai conduzia o carroção, mas quem fazia o acerto financeiro, pagava as contas e fazia as compras era sua irmã. As duas resolviam tudo que o pai recomendava e, se precisassem, pernoitavam no hotel da Dona Aurora, que já conhecia a família e recebia as jovens hóspedes.

Nas ocasiões que vinham para a cidade, as duas irmãs sempre iam até à igreja para rezar e, sempre que era possível, participavam das festas religiosas. Dona Emma lembra bem da festa em louvor à Nossa Senhora dos Navegantes, onde havia procissão de vapores, todos enfeitados para a ocasião. Certa vez, ao entrarem na igreja, dona Emma começou a tropeçar e a fazer barulho com seus sapatos recém-comprados. Sua irmã lançou um olhar reprovador, enquanto o padre que presenciava tudo sorriu e, gentilmente, disse:

- É apenas uma menina estreando seus sapatos novos!

Dona Emma lembra com saudades desse fato.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Que tal elaborar coletivamente uma pesquisa sobre a erva-mate, elemento tão presente na cultura da região? Façam uma busca pelo histórico, pelas etapas do processo de produção e do beneficiamento da erva, até chegar à comercialização. Vocês também podem pesquisar diferentes receitas feitas com a erva-mate e, quem sabe, organizar uma degustação com todos os interessados.



O mate doce no “resguardo”

Antigamente, as mulheres tinham costumes diferentes dos de hoje, inclusive quando tinham seus filhos. O parto geralmente ocorria em casa, feito por uma parteira, principalmente na zona rural, pois era difícil levar a mulher até um médico ou trazê-lo até a casa da gestante. Quem nos explica esse hábito é Dona Odete, moradora há 70 anos no Lajeadinho.

Dona Odete se casou aos 23 anos com seu Romeu. Tiveram seis filhos, todos de parto natural e em casa. A parteira que atendia as mulheres do lugar se chamava Dona Altiva. Após o bebê nascer, a mulher ficava em repouso por 40 dias, se o bebê fosse menina, ou 41 dias, se fosse menino. Esse período era conhecido como “resguardo ou dieta”.

No resguardo a mulher ficava restrita a algumas atividades físicas, poucos alimentos e certos costumes locais, como os relatados a seguir. Algumas mulheres não podiam varrer a casa, lavar roupa, fazer o pão caseiro ou serviços domésticos mais pesados. Geralmente outra companheira auxiliava a parturiente nesses dias, podendo ser sua mãe, sogra ou amiga de confiança.

A alimentação da nova mamãe tinha que ser leve e nutritiva. Era costume servir para ela canja de galinha, biscoitos e chá. A mãe ficava quatro dias no quarto escuro e o bebê, sete dias. O bebê não recebia visitas no sétimo dia, no décimo quarto e no vigésimo primeiro. Ele era alimentado com leite materno e alguns chazinhos de ervas medicinais conhecidas na região. Também era costume banhar o bebê com chá de erva-doce para evitar brotoeja.

Em terra de erva-mate e chimarrão, a mãe só podia tomar um mate di-

ferenciado. Era o chamado “mate doce”. Seus ingredientes eram: erva-mate torrada e grossa, açúcar, casca de laranja e hortelã. O toque final ficava por conta das brasas em cima do açúcar, que deixam um aroma perfumado no ambiente. Segundo Dona Odete, o chamado “mate grande” era pra ser tomado no final da “dieta” com ingredientes como abutu, pixilim, noz-moscada, erva-doce e erva-cidreira, que serviriam, segundo a medicina popular, para limpar o útero da mãe. Em alguns lugares esses ingredientes ainda eram tomados com pinga.

A superstição era uma crença muito respeitada no cuidado com a mulher que acabou de ter um bebê. Durante dez dias, a mãe não podia sair de casa para não tomar vento, pois poderia ter uma dor de cabeça que só terminaria em outra dieta, e também não podia lavar a cabeça durante esse período. Ainda era impedida de comer arroz e massas frescas para não ficar “barriguda”.

Não comer feijão, chocolate e alimentos escuros para não dar cólica no bebê aumentava a lista de costumes, segundo Dona Odete. Para o bebê dormir, bastava dar chá de alface como calmante. Era indicado, ainda, virar a roupa do bebê pelo avesso para que ele não trocasse o dia pela noite.

Mesmo apresentando algumas variações entre as localidades, essas eram algumas tradições do nosso município. Muitas delas ainda são praticadas atualmente, como veremos no capítulo a seguir. Não deixe de ler!



FRUTIFICANDO OS SABERES

- Pesquise com seu grupo de estudos sobre a reprodução de diferentes espécies de animais. Busque as características da gestação, de alimentação e dos cuidados que esses filhotes precisam para se desenvolver.
- Monte uma árvore genealógica da sua família e descubra a sua origem e a história de seus antepassados. Compartilhe tudo que descobriu com os demais colegas e montem uma exposição. Quem sabe vocês não descubrem alguns parentes em comum?



A cruz de cedro

Os faxinais, como já comentado neste livro, são extensões de terra onde não existem cercas. Nesse ambiente rural, os animais são criados soltos em porções da floresta. No entanto, esses espaços foram deixando de existir com a fragmentação das propriedades. Em alguns locais, restaram apenas os nomes dos lugares, como Faxinal dos Ilhéus, Faxinal dos Elias e Faxinal dos Francos. Esses lugares ficaram conhecidos pelos sobrenomes de famílias que moravam naquele lugar ou tiveram algum vínculo com os moradores locais.

Em Faxinal dos Ilhéus conversamos com seu Tonico, um senhor muito simpático, de 93 anos de idade, que nos contou um pouco da história dali. Uma de suas histórias dizia respeito à passagem do monge São João Maria pelo lugar no final do século XIX. Segundo a tradição oral, o monge, muito considerado na região, andava peregrinando por vários lugares. Tinha o costume de pernoitar ao ar livre, geralmente perto de uma nascente ou “olho d’água”. Fazia benzimentos e orações, receitava remédios naturais e dava conselhos. Um fato interessante sobre a passagem do monge era a fixação de uma cruz de cedro no lugar onde ele ficava. Algum tempo depois a madeira da cruz florescia e se transformava numa árvore de cedro. Na

comunidade de Faxinal dos Ilhéus existe uma capelinha que guarda uma imagem do monge. Atrás dela existe uma árvore de cedro.

Muitas outras localidades também relatam as passagens do monge São João Maria. No próximo capítulo você poderá conferir alguns causos contados para o *Morada dos Saberes*.

Uma árvore chamada cambará

Na localidade de Cambará, interior do município, fomos recebidos por um querido casal de antigos moradores. Entre uma conversa e outra, perguntamos a origem do nome do lugar. Seu Aristeu nos respondeu que era por causa de uma árvore chamada Cambará, muito abundante nas redondezas. Esse fato nos levou a procurar saber mais sobre a vegetação do entorno.

As florestas guardam seus segredos e suas sabedorias. A Floresta com Araucária não é diferente. E as pessoas aprenderam bastante com essa mata, muitos utilizando os recursos para sua sobrevivência, como a madeira, o alimento e até mesmo os remédios.

É comum nessa região a medicina popular, que usa remédios feitos com cascas de árvores, flores, frutos, folhas e raízes. Mesmo com a diminuição das florestas, ouvimos algumas histórias que utilizam desses recursos. Vamos conhecer algumas receitas?

Sobre o sabugueiro, por exemplo, Dona Belinha nos disse que muitas pessoas usavam o chá das folhas para o sarampo. A casca da “Quina” ou “pau amargo” servia para dor de estômago e a do “pau de andrade” para hemorroidas. Já para as dores causadas pela “cãibra do sangue” (cólicas intestinais) se consumia o chá da casca de jabuticabeira. Vale dizer que o uso de tais remédios caseiros oferecidos pela floresta ainda permanece em nosso município, principalmente no meio rural.



O dom do “venzimento”

Casa simpática com pátio cheio de plantas de cheiro forte. Se via logo que se tratavam de plantas medicinais. Varanda com bancos de madeira de tamanhos diferentes convidando para um chimarrão. Assim foi que conhecemos a casa da Dona Josefa, depois de um rápido primeiro encontro embaixo da frondosa árvore da igreja de Dois Irmãos. Dona Josefa parecia saber que, apesar da linda vista próximo à igreja, aquele não era o local mais confortável para dividir suas intrigantes histórias.

Foi apenas aconchegada em sua varanda e com um ótimo chimarrão na roda que Dona Josefa começou a falar de como se assumiu benzedeira:

- Eu não pedi isso para mim. Foi Deus que deu! Mas chegou um momento que pedi uma prova para Ele. E Ele me deu. Faça até hoje.

Moça nova, apenas 36 anos, mas com um rosto que transparece muita experiência e sintonia com os “venzimentos”, como diz. Mãe de uma menina e um menino, que assistem suas práticas rotineiras, parece ter cuidado para dizer sobre a importância do seu dom.

Conta que seu pai também fazia benzimentos. E com isso pôde aprender alguma coisa do que sabe. Mas também aprendeu um bom tanto com sua

teimosia, ao observar o trabalho dos outros. O restante, diz ter aprendido com a fé do povo.

Bastante conhecida por colocar a “mãe do corpo” no lugar, Dona Josefa explica a forte relação da fé com a cura. Explica que todos os benzimentos possuem uma oração para ser feita. E que é necessária fé nas receitas que passa.

Muitas de suas narrativas você pode conferir neste livro. Mas há uma que traduz um pouco nosso encanto por sua história de vida: aos sete anos de idade, quando pegou “ar”, foi em uma benzedeira. No momento dessa cura, no entanto, todos viram a arruda murchar. A senhora logo disse:

- Vai dar pro bem, ou pro mal.

Sabemos que Dona Josefa deu pro bem.

Capítulo 4: SABERES E VOZES LOCAIS

Manuela D. Silva, Karin Yamashiro, Taiana Hertzog e Leandro A. Pereira

Andando por São Mateus do Sul, escutamos lindas vozes contando histórias, causos, simpatias e lendas. Neste Capítulo, trouxemos um pouco desses saberes locais para compartilhar com todos. Esses interessantes saberes nos motivaram a construir atividades didáticas, pensadas especialmente para dar continuidade a esse registro de saberes tão importantes da região.



Saberes Caseiros de São Mateus do Sul



Sabe aquela dica da vovó? E as simpatias que os mais antigos contam? São Mateus do Sul está recheada de saberes que tratam do cuidado do corpo, da casa e do espírito. Vamos conhecer algumas e ver quais praticamos?

Não deixar as camisas viradas do avesso e os chinelos virados ao contrário são ensinamentos dos mais antigos para não atrapalhar a vida. Também não se deve entrar por uma porta e sair por outra quando for visitar alguém, para não levar a sorte da família embora. Mas, quando não gostar muito da visita, basta colocar uma agulha atrás da porta para que ela vá embora.

E quando a pessoa que você está esperando não chega? Dizem para colocar o sapato direito sobre o esquerdo e depois atrás da porta. E aí, é só esperar alguns minutinhos, que logo a pessoa aparecerá. Mas é importante lembrar de tirar um de cima do outro depois!

Ainda sobre o cuidado da família e da casa, os mais antigos contam que o mês de agosto não é um bom mês para fazer mudanças. Sabe por quê? Dizem que as pessoas não se realizam, havendo separação dos familiares.

Além desses costumes mais rotineiros, existem outros para momen-

“ Formiguinha, formigão, faça sol
para secar meu colchão! ”

tos bem específicos. Nos velórios, por exemplo, há cuidados especiais que remetem ao encontro dos entes queridos: a família recebe em sua casa as pessoas interessadas em realizar a vigília, que acontece durante 24 horas. Nesse período, receitas locais, como pães e bolachas, são feitas para alimentar quem está ali velando o corpo. E para ajudar a conservar o corpo? Dizem para colocar uma bacia com água e uma chave dentro, tudo embaixo do caixão.

Depois do velório, no cuidado da casa, se diz importante varrer a moradia, juntar os ciscos e jogar pela porta de saída.

Ainda há um importante recado que circula nas comunidades: caso o morto esteja com piolho, amarre a cabeça com um pano, porque piolho pego de defunto não vai embora!



FRUTIFICANDO OS SABERES

Envolva as famílias numa atividade em que os mais novos perguntem aos seus pais, avós, tios e outros parentes sobre os costumes que eles tinham antigamente em diferentes ocasiões, como o nascimento do bebê, morte, doença, casamentos, entre outros. Quais eram as tradições adotadas nesses momentos? Procure saber quais desses costumes ainda estão presentes no cotidiano da comunidade. Com os dados dessa pesquisa, você pode organizar uma roda de conversa para discutir o que eles descobriram e se há costumes comuns entre as diferentes famílias. Para fechar a atividade, que tal convidar algum morador antigo para contar essas histórias na escola?

E para chamar tempo bom, alguma dica? Ouvimos que mexer em nove formigueiros falando “*formiguinha, formigão, faça sol para secar meu colchão!*” funciona.

Por outro lado, se limpar os santos de dentro de casa, você chama chuva!

Os santos são também lembrados em outras ocasiões. Se quiser se livrar de um cisco, segure os olhos e repita três vezes: “*Santa Luzia passou por aqui com um cavalinho comendo capim, pegue este cisco e leve para longe de mim*”.

E, para desengasgar, se chama o São Brás: “*São Brás, acuda o rapaz*”.

Já quando você perde algum objeto, o que você faz? Já tentou pedir ajuda ao Santo Antônio? Na região de São Mateus do Sul, dizem que, se pedir com muita fé, ele irá mostrar o caminho.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Que tal fazer uma pesquisa colaborativa em sua comunidade sobre as tradições religiosas existentes? Procure saber quais são as crenças, símbolos e costumes dessas religiões, como festas e feriados. Inclua, se possível, saberes sobre as práticas religiosas presentes em diferentes partes do Brasil e do mundo. É uma boa maneira de se trabalhar a diversidade em escolas e outros espaços pedagógicos.

Com os distintos materiais, vocês podem montar um painel com as representações, símbolos, crenças e origem de cada religião. Também é possível montar um calendário e discutir o que cada data representa e quais são as tradições desses dias. As comidas servidas também podem ser um bom assunto de estudo.



Refletindo sobre os saberes

A ideia de atividades como essas é conhecer a diversidade das culturas, trabalhar o respeito, a tolerância religiosa e a riqueza das diferentes práticas e crenças existentes em nossa sociedade.

Saberes e Curas



Você já ouviu falar em “quebrante” ou “mau olhado”? Já procurou ajuda para colocar a “mãe do corpo” em seu lugar? Esses são saberes e crendices trazidos ao projeto pela fala de moradores do interior de São Mateus do Sul, entre eles as benzedadeiras, pessoas (geralmente mulheres) que se utilizam da fé e de fórmulas naturais para praticar a cura.

Muitas das receitas contadas ao projeto envolvem o que chamamos de cura natural. A cura natural resgata a relação das pessoas com o meio onde vivem, mas também mostra respeito aos distintos saberes, como a medicina moderna. Ouvimos algumas dessas receitas e a mistura delas com simpatias e com crenças religiosas. Quer lembrar ou conhecer alguns exemplos?

Mãe do Corpo

Em tempos não tão antigos, as mulheres de São Mateus do Sul tinham seus filhos pelas mãos de parteiras. Se comenta que as parteiras, pelas dificuldades encontradas na perpetuação de suas práticas, já não são mais tão comuns na região. As benzedadeiras, no entanto, ainda bastante vivas nas comunidades, carregam em sua caminhada os saberes dos cuidados da mãe e da criança.

Foi participando de rodas de chimarrão no interior do município, que o

Morada dos Saberes escutou emocionantes e intrigantes histórias sobre os trabalhos das parteiras e benzedadeiras.

A crença motriz dessas conversas foi a chamada “mãe do corpo”, nome simbólico dado ao útero. Importante denominação, na opinião das mulheres, em especial por remeter ao equilíbrio do corpo feminino. “*Sabe quando vem um incômodo lá dentro, que parece que alguma coisa está fora do lugar? É a mãe do corpo que está fora do lugar. Precisa arrumar isso*”. Assim foi a primeira explicação ouvida sobre o tema.

Sendo a “mãe do corpo” o equilíbrio das mulheres, se diz que ela precisa estar no lugar quando há o desejo de engravidar. Se coloca a “mãe do corpo” no lugar com uma massagem no abdome. Assim, é possível engravidar já na semana seguinte da massagem feita para colocá-la no lugar, tamanha a energia ligada à “mãe do corpo”. O relato de mulheres que passaram por essa experiência é comum: após a massagem feita por uma benzedeira ou parteira, a sensação de “frio na barriga” se arrasta por quase um dia. E todos conhecem alguém que engravidou em seguida...

Se comenta, ainda, que a “mãe do corpo” costuma ficar fora do lugar depois dos partos. Portanto, é preciso “*arrumar essa condição*” para regular os ciclos e aliviar dores e desconfortos. O momento é íntimo, cercado de pensamentos da benzedeira, e vem acompanhado de uma massagem suave feita com óleo. É um bonito símbolo dessa prática da cura natural.

Na prática do “venzimento”, como escutamos, é comum perceber o quanto o natural se combina com outros símbolos importantes da região: a crença em santos protetores (em especial os pedidos feitos para Nossa Senhora da Graça), a utilização das rezas nos momentos de cura e o uso de rosários. Mesclado nesse universo, se encontram as hortas com chás, temperos e outras plantas que “*nunca pode faltá!*”

Logo após o parto, muitos dos saberes de cuidado com o corpo são colocados em prática. Se acredita que a mulher deva tomar alguns cuidados, respeitando o período de 40 dias conhecido como puerpério, dieta ou quarentena. Vamos conhecer algumas das receitas indicadas?

É comum, em algumas mulheres, dor de cabeça e tremores de frio nesse período. Uma receita muito utilizada, até hoje, para ajudar a combater esses sintomas é o chá de nove misturas: erva-doce, alecrim, artemísia, abutua,

pichilin, noz moscada (usar uma pequena porção), erva torrada, açúcar e uma colher de pinga. A sugestão é que “*seja tomado na bomba de chimarrão, como um mate*”.

Para as mulheres que sofrem com dores nas pernas e nas costas, se indica despejar, da cintura para baixo e nas costas, uma mistura de água e pinga quente, logo após o banho. Em seguida, se enrolar em uma toalha e se deitar imediatamente, deixando para se vestir só depois que o corpo esquentar.

Já para melhorar a cólica do nenê, segundo as conhecedoras são-mateusenses, basta preparar um paninho (bem macio e branco) com um furo, cujo o espaço deixe o umbigo destampado, e encharcá-lo de pinga. Depois, é necessário aquecer o pano no fogo, usando outro para abafar. Quando o pano estiver morninho, colocar em cima da barriga da criança. Logo irá passar a cólica.

É comum alguns recém-nascidos apresentarem o popularmente chamado amarelão (icterícia). Se comenta na região que, para “*não pegar*”, basta banhar a criança com a flor de picão durante sete dias. Mas, se a criança já estiver com amarelão, indicam banhá-la em uma água preparada com cacos de telha nova.

E para o cobreiro ir embora? Basta escrever a oração da “Ave Maria” em roda, com caneta azul. Em três dias, o cobreiro vai secar.

Remedinhos da vovó

Outras receitas surgiram nas rodas de conversa e até hoje são usadas nas comunidades. Algumas delas continuam sendo ensinadas pelas benzedoras e outras são repassadas em casa, geralmente entre as mulheres, de geração para geração.

Para problemas de garganta e pulmão ou gripe: colocar em uma vasilha seis folhas de ameixa de inverno e cinco colheres de açúcar. Queimar a mistura com brasas incandescentes, colocando, ao mesmo tempo, cravo e canela. Em seguida, colocar uma xícara de leite fresco ou de água. Tampar rapidamente. Essa é uma dose diária. Na região também são utilizadas ou-

tras folhas, como guaco, laranjeira, sálvia e eucalipto.

Outra receita bastante antiga e comentada é para insônia, hipertensão, estresse, menopausa e problemas digestivos. Em um litro de vinho branco – dizem que precisa ser “*do bom*” – colocar 2 colheres de flor de camomila. Deixar descansar por 10 dias e depois tomar um copinho entre as refeições. Diz que essa receita era usada pelos “*viventes de guerra*”.

Para tosse: pingar algumas gotas de pinga em uma colher com óleo. Flambar essa mistura. Depois utilizá-la para massagear o peito e, em seguida, embrulhar o local com um pano para deixá-lo aquecido.

Para “*bichas*” de criança (nome dados aos vermes): colocar alho em um vidro com vinagre e dar para a criança cheirar. Depois, passar um pouco da mistura atrás da orelha e ao redor do umbigo.

Para picadas de insetos: pegar a cebolinha do quintal e cobrir o local da picada.

Para bronquite: na lua minguante, torrar nove sementes de algodão. Então, amassar as sementes torradas e com elas fazer três chás, para tomá-lo por três dias.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Em uma atividade de ensino, elabore um questionário para pesquisa com as famílias sobre quais são as plantas que eram ou ainda são utilizadas como alternativa para a prevenção ou cura de doenças na sua comunidade. Promova a construção de uma exsicata* com as principais informações da planta e seus usos. Faça um comparativo com os medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica e estimule a descoberta de quais remédios comercializados também utilizam plantas em sua formulação.

*Coleção com amostras de plantas secas e prensadas, fixadas em cartolinas com identificação, contendo as principais informações sobre as espécies coletadas.

Sinais e saberes do meio



Os saberes surgem, muitas vezes, de observações da natureza e se relacionam diretamente com o dia a dia de quem vive integrado ao manejo dos recursos naturais. E desse cotidiano surgem mais crendices e conhecimentos. Vamos conferir os conhecimentos que São Mateus do Sul tem para dividir?

Você conhece os sinais da floresta? Antigamente usavam os pinheiros para prever o tempo. Se um galho estourasse e caísse de repente, causando um grande barulho na floresta, era sinal de uma grande enchente. Já se a ramagem se virasse em direção ao sol nascente, era sinal de bom tempo. No sentido contrário, anúncio de temporal.

Outro interessante costume contado é que quando o galho da madeira da araucária rangia e alguém da família havia morrido, seria um aviso para os familiares utilizarem essa madeira para fazer o caixão do falecido. E, se a madeira de araucária for encontrada caída no mato, poderia ser um sinal de doença na família.

“ Quando as saracuras cantam no chão, é para tempo bom”, mas “se cantarem nos galhos das árvores, é para vir chuva. ”

Para achar água ao redor da casa

Você sabia que antigamente muitas pessoas usavam um ensinamento para achar o poço de água? Com um galho de pessegueiro (preferencialmente), no formato de uma forquilha, se percorre o terreno. Quando o galho começar a entortar, logo abaixo, é sinal de ter encontrado a vertente de água. Que tal repetir essa técnica no quintal da sua casa?

Observando os animais

Os mais antigos contam que *“quando as saracuras cantam no chão, é para tempo bom”, mas “se cantarem nos galhos das árvores, é para vir chuva”*.

E se *“algum pássaro ou borboleta, de cores alegres, entrar em casa, é notícia que virá visita de longe e que será boa”*.

Mas quando uma coruja passa perto da casa e faz *“um som de rasgar um tecido”*, haverá morte de parentes. As pessoas contam que os chinelos devem ser virados quando se escuta esse som.

Muitas vezes, encontramos sapos ao redor de nossas casas e, de repente, todos somem. Os mais antigos contam que, nessas situações, ali se encontra uma cobra. Para achar o seu “esconderijo”, indicam jogar alho amassado no quintal. Nas conversas pelo interior, o projeto escutou que, hoje em dia, não matam mais o animal, mas que chamam o “órgão competente”.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Conhecer os animais que estão próximos à nossa casa e saber a importância de cada um na natureza nos remete ao cuidado do meio no qual estamos inseridos. Promova uma pesquisa sobre quais são os animais peçonhentos existentes na comunidade e qual a importância deles no ecossistema. Pesquise, também, sobre os mitos e verdades sobre esses animais. Isso certamente será uma maneira de discutir sobre as injustiças praticadas com a fauna, auxiliando na conservação dessas espécies e da própria floresta.

Previsão do tempo

Você sabia que até hoje muitas pessoas que moram no interior planejam o início ou fim do plantio e da colheita baseadas na previsão do tempo da Profecia do Monge João Maria? Vamos conhecer?

A partir do dia de São João, 24 de junho, se contam 12 dias. Cada dia corresponderá a um mês do ano. Para isso, é necessário observar e anotar as variações do clima, de cada um desses dias, pela manhã, tarde e noite. Observe:

- Dia 24/06: frio pela manhã; quente pela tarde e frio (com geada) para a noite. Os 10 primeiros dias do mês seguinte, julho, serão frios. Os 10 dias seguintes serão quentes e os 10 últimos dias serão de muito frio, com previsão de geadas.

- Dia 25/06: previsão para o mês de agosto.

- Dia 26/06: previsão para o mês de setembro.

E assim por diante, prevendo todos os meses do ano!

Simpatias rurais



Você já parou para pensar que, não há muito tempo, os meios de transporte eram os cavalos, burros, bois? Os animais foram utilizados por muitos e muitos anos. Mas como as pessoas faziam para não ter dor nas costas e continuarem os seus percursos? Os antigos contam que o pelego, aquela

lã colocada sobre os arreios para tornar o assento do cavaleiro mais confortável, também servia como “*cama, massageando e evitando as dores*”. A dica dada foi: o pelego deve ser “*bem macio e escovado, como um maço de algodão*”.

Muitas pessoas que moram no campo e criam animais também pedem ajuda ao Negrinho do Pastoreio. Sabe como? Quando a criação de animal é perdida, se acende uma vela para o Negrinho, que logo irá devolver os animais. Apesar de ser uma lenda surgida em outros locais do Brasil, é muito usada em São Mateus do Sul, evidenciando a miscigenação da região.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Você pode propor a construção colaborativa de uma linha do tempo sobre os meios de transportes que existiam antigamente e como esses foram se modificando até os dias atuais.

Juntos, calculem o tempo de transporte de pessoas e mercadorias com os diferentes meios de transportes pesquisados. Conversem sobre comércio, relações entre comunidades e bairros do seu município.

A atividade pode ser enriquecida com um estudo comparativo de como eram as formas de comunicação antigamente. Façam, também, uma linha do tempo para descobrir as mudanças dos meios de comunicação.



Lendas e Causos na vida de São Mateus do Sul

São Mateus do Sul é formada por uma cultura muito rica e por pessoas que ainda encontram nas lendas e superstições formas concretas de se relacionar com o meio em que vivem. Nesse mundo, aparecem lendas conhecidas como a do lobisomem, mas também “causos” muito específicos da região. Vamos conferir?



Refletindo sobre os saberes

Trabalhar com as histórias de moradores antigos da comunidade auxilia na compreensão da sua cultura e valoriza a identidade local.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Que tal contar as lendas e causos aqui descritos com a ajuda das crianças e depois convidá-las a desenhar, construir cenários, fantoches e realizar representações dessas histórias com peças teatrais?

Uma roda de leitura com as crianças certamente estimulará a criação de outros personagens, fazendo com que se enriqueça ainda mais essa atmosfera tão encantadora.

Para os estudantes já letrados, você pode fazer uma redação continuada com outros elementos e personagens da região, tornando o processo de contação ainda mais interessante.



*"Boa tarde,
compadre!"*

O bugreiro

Os mais antigos contam que o bugreiro é uma árvore cheia de "cascudos" e que pode nos dar "pintinhas" se ficarmos embaixo dela. Diz a lenda que, se uma pessoa passar embaixo do pé de bugreiro e não cumprimentá-lo ou não pedir licença, essa tal alergia aparece. Então, o indicado é dizer "*bom dia, compadre*" ou "*boa tarde, compadre*" sempre que passar por essa árvore.



Os causos da Floresta com Araucária

Os antigos contam que se escondiam baús de ouro embaixo dos pinheiros. Falam, também, que não se podia fazer a retirada da árvore nos meses com a letra "r". Os únicos meses de corte seriam os meses de maio, junho, julho e agosto. Que tal perguntar para as pessoas mais antigas da sua comunidade por que esse era o costume?

Também há a lenda do capim. Diz essa lenda que, se alguém andasse na floresta entre meio dia e três da tarde ou às seis da tarde e se encostasse em um determinado tipo de capim, ficaria perdido na mata.



A Serra dos Gordia

A Serra dos Gordia divide o município de São Mateus do Sul e São João do Triunfo, pelo rio Papuã. Conhece os causos dessa Serra? Há vários deles por aí... Se conta, por exemplo, uma história assustadora de dois homens que apostavam corridas a cavalo e que se mataram por causa das disputas. No local onde fixaram suas cruzes, eles são vistos vagando em cima de seus cavalos.

E os mais antigos falam que por ali há, inclusive, um "bradador". Se trata de um ser que berra à noite nos campos e na mata, parecendo um homem desesperado. Dizem que se você o imitar nas noites de lua cheia, ele vem até você.

Outra história contada é que existe no paredão da Serra dos Gordia uma porta, talvez construída pelos jesuítas, com palavras gravadas em outra língua. Ninguém sabe o que há atrás dessa porta e nunca conseguiram abri-la. Aproveite sua curiosidade para conhecer essa misteriosa região.



A Lenda da Gralha Azul

Existia antigamente uma gralha parda. Certo dia, ela pediu a Deus uma missão. Deus deu a ela, então, alguns pinhões. A gralha pegou as sementes, comeu algumas e as outras ela guardou no chão. Mais tarde, a gralha as procurou, mas não as encontrou. No local havia lindas árvores de araucária, que até crescerem foram cuidadas pela gralha. Comeu outras sementes, enterrou algumas e assim muitas araucárias brotaram. Se conta que dessa forma surgiu a Floresta com Araucária. E Deus, ao ver a beleza e valor da floresta, pintou as penas da gralha de azul como a cor do céu.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Você sabe quem eram os primeiros habitantes da sua região? Pesquise sobre sua língua, sua cultura e seus hábitos. Como será que essas pessoas utilizavam os recursos do meio em que viviam?



O Monge João Maria

Contam que, onde o Monge João Maria dormia, uma vertente de água nascia. Ele também curava as pessoas com ervas e chás da floresta. Diferentes pessoas relatam histórias mais íntimas com o monge. Algumas dizem que o viram passar pela região e que suas profecias eram como parábolas. Dizem até que, se maltratado, ele podia castigar as pessoas, já que aparecia como um “senhor de idade andarilho” em muitos locais, testando a bondade das pessoas.



Pinhão para sapecar em uma floresta mais exuberante

Muitos relatos trazidos ao projeto *Morada dos Saberes* narram uma floresta mais exuberante e com mais vida em um tempo passado. Contam que havia mais pinheiros e pinhões nas nossas matas. E mesmo com as dificuldades da vida antiga, procuravam usar a madeira das árvores com mais cautela, apenas para as necessidades locais.

Também contam os mais antigos que buscavam pinhões para sapecar. As mulheres faziam um monte de sapê, jogavam os pinhões ali e colocavam fogo. Quando o fogo apagava, os pinhões já estavam assados e era muito gostoso saboreá-los dessa maneira. Certamente, muitas das histórias aqui contadas nasceram e se perpetuaram nesses momentos da vida antiga.

Refletindo sobre os saberes



Você é produto do meio e da cultura em que vive, mas também reproduz nesse meio a sua cultura, por meio de suas ações. O folclore e as práticas culturais são patrimônio da humanidade. As cerimônias, os rituais, as crendices populares, as danças, as comidas, as vestimentas, tudo isso, são marcas de um povo. Elas contam histórias, nos conduzem às nossas origens e constroem a cultura.

As escolas podem usufruir o folclore como um promotor da cultura, auxiliando a comunidade a valorizar os costumes regionais, entendendo as práticas culturais como mantenedoras da história, das origens. Além disso, favorecem o respeito às diferenças sociais, culturais, éticas e étnicas de um povo.

O folclore convida todos, adultos e crianças, a se mexerem e a imaginarem. Estabelece regras e conta histórias. Integra as pessoas e os grupos nas relações de espaço e tempo.



*"Sondei pela fechadura e vi aquele
clarão na árvore. Caí para trás.
Minha mãe foi acudir, mas abrindo a
porta não vimos mais nada".*

O Boitatá de São Mateus do Sul

Certo dia, em um barbaqué, apareceu uma senhora com aparência bem idosa, usando um vestido bastante velho e rasgado. Pediu aos trabalhadores um prato de comida. A senhora, recebendo o que pediu, ficou feliz e foi embora. Chegando a noite, quem ali pousava para colocar lenha nas fornedas de secagem da erva-mate, ouviu um enorme barulho próximo à pequena casa que a velha senhora morava. Lá chegando, os trabalhadores viram uma enorme bola de fogo no céu. Observando com mais atenção, viram o vestido da velha dentro da bola de fogo.

Também contam na região que boitatá sempre é mulher, enquanto o lobisomem, homem. E por isso é comum escutar “a Baitatá”. Se ela for uma bola de fogo transformada de gente viva, brilhará em cor vermelha. Mas se for de gente morta, brilhará em azul. A Baitatá se transforma para poder rodear a casa dos outros e escutar as histórias mais íntimas das famílias. Então, algumas comunidades costumam dizer que a mulher fofoqueira dali pode ser a Boitatá. Para pegá-la, precisa rezar a “Ave Maria” de trás para frente e prendê-la em um rosário. Se conseguir isso, na manhã seguinte estará virada novamente em mulher, ali no mesmo local em que foi pega.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Descubra se existem palavras e expressões típicas da região. Como as palavras eram faladas pelos mais antigos? A ideia é construir um dicionário popular e se divertir com essas expressões.

Abaixo incluímos algumas expressões já coletadas pelas caminhadas em São Mateus. Confira!

Iniciando o Dicionário Popular de São Mateus do Sul

Irone Faria e Zeli Postai Lugarini

- “aí que a porca torce o rabo”: as coisas pioram
- “apinchar”: se jogar
- “arrumou sarna pra se coçar”: procurar confusão
- “bardento”: mimado
- “bodega”: bar/armazém
- “bosta nenhuma”: coisa alguma
- “camarada”: ajudante de serviço
- “campear”: procurar algo
- “canhada”: uma baixada acentuada
- “cargas d’ água”: qualquer motivo
- “carrero”: atalho
- “de vereda”: de repente
- “descascar água”: chover bastante
- “empacar”: não sair do lugar
- “em cima do muro”: indeciso
- “estar com os parentes reunidos”: estar de mau humor
- “ficar na moita”: observar
- “fogo de palha”: volúvel
- “foi-se o boi com a corda”: deu algo errado
- “garrou o mato”: foi embora
- “jaguara”: malandro, sem respeito
- “logrou”: tirou sem consentimento
- “pialo”: deu um pulo ou um golpe
- “pichinchar”: negociar
- “proziá”: conversar
- “revertério”: mudança de situação
- “rolar a descida”: já chega lá
- “se lascar”: prejudicar
- “se rodear”: se demorar
- “seguido”: sempre
- “sossegue ou apague o pito”: fique calmo
- “vorta e meia”: quase sempre



O Bugio e a História do Leite

Em uma pequena localidade do interior, havia um leiteiro muito ganancioso. Para enganar seus fregueses, colocava água no leite. O que ele não sabia é que havia um bugio que sempre o observava e via onde o homem escondia seu saco de dinheiro. Certo dia, o bugio pegou esse dinheiro e fugiu. O homem, quando percebeu, correu atrás do bugio, mas ele já havia jogado o saco no rio. O macaco então falou: “tudo que a água trouxe, a água levou!”.



Histórias de Arrepiar

Alguns antigos contam que, no período da quaresma, em cima dos pinheiros, havia um esqueleto que aparecia nas noites mais escuras. O chamavam de corpo-seco.

Também contam que, na região de São Mateus do Sul, já foram vistas mulas sem cabeça, lobisomens e sacis de carapuças vermelhas. As histórias narram que os antigos espiavam pelos buraquinhos nas paredes, enquanto os lobisomens chegavam até a brincar com os cachorros. E os sacis precisavam ser pegos com peneiras para não aprontar mais. Se conseguisse retirar sua carapuça, a pessoa ainda poderia ter um desejo realizado.

E sobre a "esmoura", você já ouviu falar? É como alguns chamam as bruxas na região. Ela vem para sugar sua energia enquanto você dorme. Mas um copo d' água perto da cama pode protegê-lo. Dormir acompanhado também. E outros dizem que para uma proteção forte é necessário ser batizado. Caso seja uma criança ainda sem batismo, um rosário deve ser colocado por perto.

E as "visages"? Quais dessas você conhece? Pelas caminhadas no interior, é comum escutar sobre o aparecimento de coisas incomuns e inexplicáveis. Escutamos sobre os cavalos quietos na estrada, que de noite apareciam, mas ao amanhecer já não estavam mais ali, sem deixar nenhum rastro. Também escutamos sobre seres que não eram vistos, mas eram sentidos no peso das pedaladas da bicicleta, como se estivessem na garupa. Ou ainda de uma noiva que aparecia, mesmo após sua morte, para o ex-noivo, na tentativa de controlar a sua vida.



FRUTIFICANDO OS SABERES

Você pode organizar um projeto interessante para promover a troca de saberes e a interação das famílias, a partir de uma prática tão comum na região, que é a roda de chimarrão. O projeto deverá estimular os participantes a levarem um material para casa e organizar uma roda de histórias com seus familiares.

A ideia é montar uma sacola contendo diferentes histórias e lendas da comunidade e também um caderno para registro das experiências, novas histórias e lendas que surgirem na roda. Ah! E não se esqueça da cuia!

Durante o andamento do projeto pode ser realizada uma infinidade de atividades por meio da troca de experiências entre as famílias. Aproveite as dicas aqui sugeridas como um ponto de partida para registrar mais e mais detalhes de São Mateus do Sul!



Refletindo sobre os saberes

Os debates permitem que todos expressem as diferentes opiniões e encontrem diferentes soluções diante de um determinado problema.

É importante adaptar as diversas sugestões de atividades aos interesses, necessidades e faixas etárias dos interessados.

Interessante: escutar o que os participantes sabem e necessitam expressar; não se colocar como o único e principal informante; conectar o tema a outros conteúdos e à realidade.

Trabalhar as questões ambientais, seja em sala de aula ou em outros ambientes pedagógicos, transmite valores e promove atitudes e comportamentos que fazem com que a comunidade se sinta parte integrante do meio em que vive.

Assim como não há morada que possa guardar todos os saberes, nem este livro poderia narrar todo o conhecimento que circula em São Mateus do Sul. Seu desejo foi manter vivo o ciclo de interação entre cultura, pessoas e meio ambiente. Para isso, reuniu – muitas vezes em volta do chimarrão ou embaixo de uma araucária – ciência, mito, folclore, arte, cultura popular, jovens, crianças, idosos, pesquisadores, benzedeiros, professores, alunos, animas, plantas e rios, dando a eles o devido protagonismo e empoderamento. Então, cada um pôde contar, em seu ponto de vista e a seu modo, como enxerga o mundo e a cidade em que vive. Assim, a junção dessas inúmeras perspectivas forma uma teia de saberes ricos e plurais, que respeitam o passado, mudam o presente e vislumbram o futuro, garantindo o legado de São Mateus do Sul e de sua gente.

Nossa Morada se sentiu agraciada em ser o hábitat de tão nobres saberes, que agora continuam sua viagem a outras paragens.



Galeria de fotos

Nesta sessão você encontrará algumas imagens que serviram de inspiração para ilustrações deste livro e que contam um pouquinho da cultura e costumes de São Mateus do Sul.

Fotos: Carla Canestraro

Moradas







Praça central e a cultura polonesa presente nos lambrequins





A Cultura da Erva Mate





Acesse a versão digital deste livro em:
www.moradasaberes.org

